

O NEOCOLONIALISMO E A EMANCIPAÇÃO DA AFRICA: uma leitura a partir de Kwame Nkrumah

Neocolonialism and emancipation in Africa: a reading from Kwame
Nkrumah

Neocolonialismo y emancipación en África: una lectura de Kwame
Nkrumah

Luiz Carlos Noletto Chaves

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e desde 2017 é graduando do curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA)

Rosenverck Estrela Santos

Professor da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Mestre em Educação e Doutorando em Políticas Públicas (UFMA)

Resumo

O presente artigo, referenciado em revisão bibliográfica, tem a proposta de analisar o conceito de Neocolonialismo e as possibilidades de desenvolvimento e emancipação do continente africano, a partir da obra de Kwame Nkrumah, intitulada *Neocolonialismo – Último Estágio do Capitalismo* e que teve como referência a obra do líder russo Lênin, intitulada *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Neste texto, apresentaremos a importância da obra para o entendimento da nova forma de dominação imperialista em África implantada pelas nações ricas como forma de resolver seus problemas internos de acumulação de capital e que limites essa mesma política teve ao ser empreendida. Destacaremos, ainda, a importância deste intelectual ganês para a esquerda socialista, líder do Pan-Africanismo e socialista revolucionário que se tornou um dos militantes e intelectuais mais destacados a comandar o processo de Libertação Nacional e a propor o socialismo para o continente africano.

Palavras-chave: Capitalismo. Imperialismo. Neocolonialismo. Pan-Africanismo. Socialismo africano.

Abstract

This article, referenced in a bibliographic review, proposes to analyze the concept of Neocolonialism and the possibilities of development and emancipation of the African continent, based on the work of Kwame Nkrumah, entitled *Neocolonialism - Last Stage of Capitalism* and which had as reference to work of the Russian leader Lenin, entitled *Imperialism, Upper Phase of Capitalism*. In this text, we will present the importance of the work for the understanding of the new form of imperialist domination in Africa implanted by the rich nations as a way to solve their internal problems of capital accumulation and what limits this same policy had when being undertaken. We will also highlight the importance of this Ghanaian intellectual for the socialist left, leader of Pan-Africanism and revolutionary socialist who became one of the most prominent militants and intellectuals to command the process of National Liberation and to propose socialism for the African continent.

Keywords: Neocolonialism. Socialism. Pan Africanism. Capitalism.

Resumen

Este artículo, referenciado en una revisión bibliográfica, propone analizar el concepto de neocolonialismo y las posibilidades de desarrollo y emancipación del continente africano, basado en el trabajo de Kwame Nkrumah, titulado Neocolonialismo - Última etapa del capitalismo y que tuvo como referencia trabajo del líder ruso Lenin, titulado Imperialismo, fase superior del capitalismo. En este texto, presentaremos la importancia del trabajo para la comprensión de la nueva forma de dominación imperialista en África implantada por las naciones ricas como una forma de resolver sus problemas internos de acumulación de capital y lo que limita esta misma política cuando se emprendió. También destacaremos la importancia de este intelectual ghanés para la izquierda socialista, líder del panafricanismo y socialista revolucionario que se convirtió en uno de los militantes e intelectuales más prominentes para dirigir el proceso de Liberación Nacional y proponer el socialismo para el continente africano.

Palabras clave: Capitalismo. Imperialismo. Neocolonialismo. Panafricanismo. El socialismo africano.

Introdução

O presente artigo discute a interpretação que faz Kwame Nkrumah – importante líder pan-africanista – sobre a nova forma de colonialismo implantada pelas nações ricas como forma de resolver seus problemas internos de acumulação de capital, intitulada por ele de Neocolonialismo. Duas obras são importantes para a análise desse conceito: o livro de Lênin escrito em 1916, intitulado *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, no qual Nkrumah teve inspiração e outro escrito pelo próprio Kwame Nkrumah, em 1965, *Neocolonialismo – Último Estágio do Capitalismo*. Nesta obra, Nkrumah descreve e atualiza a partir do trabalho de Lenine, a nova realidade do capitalismo internacional aberta com o pós-guerra.

Este texto tem início com uma breve apresentação da obra de Lênin, que foi fundamental para entendermos a nova dinâmica do capitalismo no período anterior à Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. Em seguida, fazemos uma síntese biográfica do líder político Ganês Kwame Nkrumah e suas ideias de construção do Pan-africanismo e do Socialismo africano, como referências para o processo de independência real dos países africanos, pois como disse Devés-Valdés (2008, p. 123-124):

Para Nkrumah, o neocolonialismo era a pior forma de imperialismo. Para aqueles que praticavam, significava poder sem responsabilidade, e para aqueles que o sofriam, exploração sem desagravo. [...] Nkrumah argumenta que o neocolonialismo representa o imperialismo em sua etapa final. No lugar do colonialismo como instrumento do imperialismo, existia então o neocolonialismo, que seria ainda pior. [...]. Essa constatação, juntamente com as que Fanon havia feito antes, constituiu uma das primeiras críticas ou autocríticas diante da nova situação africana do pós-independência.

Dessa forma, refletimos sobre o conceito do Neocolonialismo seguindo a explicação do intelectual Ganês sobre a necessidade do Neocolonialismo para os capitalistas e suas barreiras impeditivas para uma absoluta dominação.

Nesse sentido, descrevemos a importância da obra deste grande pensador Ganês para a academia e para o pensamento revolucionário e que é, na maioria das vezes, negligenciado ou até mesmo esquecido de forma deliberada pela esquerda socialista africana e da América Latina, assim como a importância que esta obra tem para a compreensão da crise estrutural que o capitalismo mundial vivia à época da sua elaboração e até para o presente momento.

2. KWAME NKRUMAH: militante e intelectual pela emancipação africana

Na obra intitulada, *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, Lênin (2003) explica que a junção do capital industrial como o capital financeiro seria a última fase do capitalismo, que ele denominou como Imperialismo. Nesta fase veríamos crescer os oligopólios e monopólios. A obra é uma contundente análise dos fenômenos do desenvolvimento do capitalismo antes do início da Primeira Guerra Mundial. É também um documento importante para entendermos a globalização que já estava avançada naquele momento, bem como compreender os antecedentes da economia mundial que vão engendrar a primeira e Segunda Guerra Mundial.

Entre último quartel do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, o planeta viveu a *Era dos Impérios* segundo classificação de Hobsbawm (1998). Neste período, criou-se um novo tipo de imperialismo: o colonial. Esse imperialismo colonialista se caracterizou pela supremacia militar e financeira dos países desenvolvidos e industrializados europeus, mas também pela anexação e divisão de boa parte do território mundial, especialmente os continentes asiático e africano. Como destacara Lênin, conforme análise de Hobsbawm (1999), o imperialismo era uma nova fase do capitalismo marcada pela invasão e divisão territorial do globo pelas potências capitalistas. A partir de uma forte concorrência, em busca de matérias primas, mercados, formação de grandes propriedades rurais, os países capitalistas industrializados e poderosos militarmente, sob o controle dos seus Estado-Nações, comerciantes e financistas empreenderam uma série de ações cuja finalidade era transformar uma parte do mundo, por meio da aquisição de territórios coloniais e semi-coloniais, em espaço de pilhagem e exploração econômica.

É evidente que o imperialismo colonial demarcando um processo de concorrência no interior do capitalismo não se restringiria apenas ao aspecto econômico, mas envolveria

dimensões políticas, ideológicas e culturais. Nesse aspecto, “[...] é impossível negar que a idéia da superioridade em relação ao um mundo de peles escuras [...] e sua dominação era autenticamente popular [...]”. (HOBSBAWM, 1998, p.106)

A novidade no século XIX era que os não-europeus e suas sociedades eram crescente e geralmente tratados como inferiores, indesejáveis, fracos e atrasados, ou mesmo infantis. Eles eram objetos perfeitos de conquista, ou ao menos de conversão aos valores da única *verdadeira* civilização, aquela representada por comerciantes, missionários e grupos de homens equipados com armas de fogo e aguardente. (HOBSBAWM, 1998, p.118, destaque do autor)

Foi nesse contexto que nasceu Kwame Nkrumah e, portanto, teve sua vida marcada pela dominação europeia e exploração do continente africano. Mesmo após a independência dos países africanos, ainda encontravam-se sob domínio europeu, mesmo que a forma não fosse mais através da ocupação e anexação territorial. Foi sobre essa realidade, anterior e posterior as independências oficiais dos países em África, que Nkrumah refletiu as possibilidades de superação e emancipação do povo africano e seus Estados recém criados. Deve-se demarcar que muitos desses Estados foram forjados durante o período de dominação imperial que redefiniu fronteiras, idiomas, culturas e relações entre os povos. Portanto, o desafio de uma África emancipada da dominação imperial europeia era gigante e Kwame Nkrumah se pôs a enfrentar esse desafio.

Com efeito, se Kwame Nkrumah nasceu e viveu boa parte de sua vida sob a égide da dominação europeia em África, por outro lado, também foi contemporâneo de uma das conjunturas mais férteis para a militância e intelectualidade africana. Nas palavras de Devés-Valdés (2008, p.101): “A melhor época do pensamento africano é a de meados do século XX” em que se destacam militantes e intelectuais do porte de Leópold Senghor, Jomo Kenyatta, Julius Nyerere, Amílcar Cabral e o próprio Nkrumah.

Junto a alguns desses pensadores e ativistas políticos, Nkrumah organizou o V Congresso Pan-Africano, em 1945, que não apenas foi decisivo para articulação de uma rede de pensadores e militantes africanos, como também foi fundamental para a intensificação da propaganda e agitação em torno da independência e transformação da realidade africana em contraposição à dominação colonial e neocolonial da Europa. (DEVÉS-VALDÉS, 2008; SCHERER, 2016)

Um elemento fundamental da atuação de Nkrumah foi a organização do pensamento e movimento Pan-africanista no período histórico em que viveu. É certo que o Pan-africanismo não foi um pensamento e nem um movimento homogêneo e com ideias únicas, muito pelo contrário, tratou-se de formas de pensamento e movimentos diversos que

expressaram suas conjunturas históricas e as relações que os principais intelectuais e militantes diaspóricos ou africanos tiveram com a realidade. Os autores, inclusive, buscam classificá-lo em fases, gerações e categorias diferentes visando dar conta da complexidade.

Kwame Nkrumah, segundo Devés-Valdés (2008) teria pertencido à terceira geração do pensamento pan-africanista e possibilitado a emergência de uma quarta geração. A terceira geração iria propor sem tergiversações a independência dos países do continente africano do jugo colonial e seus principais expoentes foram Nkrumah e George Padmore. Já a quarta geração com destaque central para Kwame Nkrumah teria justamente postulado a necessidade da unidade africana para combater o Neocolonialismo e construir o socialismo africano como alternativa, tanto ao capitalismo, mas também ao Stalinismo da União Soviética.

Barbosa (2012), em suas reflexões, classifica a primeira geração de Pan-Africanismo dentro de um período formador (1870-1920); a segunda geração, formada a partir de 1920, estaria dividida em duas perspectivas. a) pan-africanismo cultural; b) pan-africanismo histórico. Essa segunda geração em sua perspectiva histórica buscava:

[...] incorporar a importância do escravismo e das relações étnico-raciais nas discussões de época sobre a formação e reprodução do capital, que envolviam diversos intelectuais ligados ao marxismo, desde fins do século XIX. Isso porque, na medida em que se pudesse comprovar a importância do escravismo e da classificação racial para o desenvolvimento do capitalismo, poder-se-ia incluir a discussão sobre as questões ético-raciais sobre o negro no debate marxista de então. Algo que, segundo Padmore e outros, apesar de ter sido incorporada pela ótica anticolonialista de Lenin na 3ª. Internacional estaria sendo secundarizada na política da Frente Única, comandada por Stalin na década de 1930 [...] (BARBOSA, 2012, 144-145).

Essas ideias influenciariam sobremaneira Kwame Nkrumah que se tornando o maior líder Pan-africano do pós Segunda Guerra Mundial e recuperando o pensamento de Franz Fanon entendeu que a descolonização do continente africano não era algo que se findava com a independência, mas tinha que ter continuidade na luta contra a nova forma de dominação: o Neocolonialismo. Nesse caso, já se tratava de “[...] uma aproximação com as tendências marxistas e a experiência concreta de países pós-coloniais ligados ao chamado Socialismo Africano” (BARBOSA, 2012, p.147).

Como destaca Scherer (2016) na obra organizada por José Rivair Macedo (2016) – *O Pensamento Africano no século XX* – Nkrumah foi um militante e intelectual da causa da emancipação e união dos povos africanos e seus Estados recém fundados. Especificamente, o capítulo escrito por Scherer (2016) trata das contribuições de Kwame Nkrumah em torno de dois conceitos muito caros para ele: *Neocolonialismo* e *Pan-africanismo*; bem como é narrada

a trajetória intelectual e de vida do líder ganês, que nasceu em setembro de 1909 na cidade de Nkroful, antiga Costa do Ouro, e veio a falecer em abril de 1972, no exílio.

Kwame foi autor de várias obras e, segundo Scherer (2016), destacam-se *A África deve se unir* (1963), *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo* (1965), *Consciencismo: filosofia e ideologia para a descolonização* (1964) e *Luta de Classes na África* (1970). Como atuação política, Kwame Nkrumah foi primeiro-ministro de Gana entre 1957 e 1960 e depois eleito Presidente nos anos de 1960 e 1966 e só deixou este cargo pela imposição das armas fruto de um golpe militar, quando estava em comitiva oficial no Vietnã. Este importante intelectual ganês estudou, entre os anos de 1935 e 1945, Sociologia, Educação e Teologia na *University of Pensilvânia* e na *Lincoln University*, nos Estados Unidos da América.

Em 1947, depois de intensa militância na Europa, retornou ao seu país de origem, à época chamada de Costa do Ouro e lá fundou um partido político em 1949 denominado *Convention People's Party* (CPP), em português: Partido da Convenção do Povo. Sendo um dos principais expoentes do Pan-Africanismo, conforme já visto um movimento político que deu suporte a vários processos de Libertação Nacional na África, Kwame Nkrumah se tornou um dos principais líderes da Independência dos países africanos.

3. IMPERIALISMO E NEOCOLONIALISMO: duas faces da mesma moeda para a dominação do continente africano.

Observamos que um dos principais feitos do intelectual Kwame Nkrumah foi de se tornado um dos primeiros a liderar um processo de independência nacional no continente africano, mais precisamente na antiga colônia inglesa chamada Costa do Ouro, que depois veio se chamar: Gana, em homenagem ao antigo Império de mesmo nome. Este processo de libertação ocorreu entre os anos de 1957 e 1966 e serviu de referência para outros processos de descolonização em várias partes do continente africano.

Ele era marxista e mais precisamente tinha como referência as ideias de Lênin. Porém, não se limitou a seguir o líder russo e em 1965 escreve uma obra que pode ser considerada como uma atualização da obra que Lênin escrevera em 1916, intitulada: *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. A obra de Kwame Nkrumah, *Neocolonialismo: Último Estágio do Imperialismo* acrescenta categorias para entender a forma avançada em que

o capitalismo mundial se apresentava após a Segunda Guerra Mundial e sua relação com os territórios africanos independentes do colonialismo.

Para explicar esta forma avançada do capitalismo, ele se vale de dezoito capítulos que expressam desde uma radiografia econômica do continente africano, passando pela apresentação (em formas de tabelas) das potencialidades econômicas e da quantidade de riquezas oriundas de vários países africanos, que foram destinadas às nações ricas em forma de matéria-prima e que poderiam tornar o continente negro uma força industrial se a matriz produtora fosse outra que não a monocultura agrícola, como impõe as economias imperialistas. Ele nos apresenta como circula o capital monopolista e em particular o dólar americano e completa os capítulos com a apresentação dos mecanismos de sustentação do Neocolonialismo.

Na introdução de sua citada obra, Nkrumah (1965, np) afirma que “o Neocolonialismo de hoje representa o imperialismo no seu estágio final e talvez o mais perigoso”. Neste sentido, o Neocolonialismo seria uma nova categoria apresentada para denominar e atualizar a fase superior do Imperialismo caracterizado por Lênin anteriormente. O conteúdo da obra de Lênin é sintetizado por Nkrumah desta forma no capítulo em que trata das finanças imperialistas:

O imperialismo foi analisado por Lênin como o mais alto estágio do capitalismo. Sua exposição foi redigida em plena Guerra Mundial (1916), que fora desencadeada para determinar a primeira grande revisão da supremacia imperialista. Ele traçou o desenvolvimento desigual do capitalismo, que levou os recém-chegados como a Alemanha e os Estados Unidos a formarem cartéis e sindicatos antes dos que haviam começado primeiro e assim os conduziram mais cedo a um estágio mais elevado de monopólio, de onde se desafiavam mutuamente e desafiavam o restante do império (NKRUMAH, 1965, 43).

De início percebe-se que o conceito de Neocolonialismo de Nkrumah só pode ser bem compreendido na medida em que se entende como a riqueza do continente africano vem sendo utilizada ao longo do tempo. O primeiro capítulo de sua obra Kwame dedica-se a apresentar os recursos do continente negro e o seu potencial para a industrialização, mas que é deliberadamente impedida pelas potências imperialistas, em detrimento da manutenção e crescimento das indústrias europeias.

Para Nkrumah (1965, p. 01) o continente africano é um paradoxo que denuncia o colonialismo, pois a riqueza que existe em seu subsolo é utilizada para enriquecer os que vivem a produzir e reproduzir o empobrecimento dos diversos países da África. Ele continua a nos informar que enquanto a população corresponde a 8% da população mundial, sua produção para o mundo é de apenas 2%. Por outro lado, suas reservas minerais não

exploradas são imensas. Só o ferro do continente africano corresponde “[...] ao duplo das da América, e dois terços das da União Soviética [...] as reservas calculadas de carvão são consideradas suficientes para durar 300 anos”.

Ainda segundo Nkrumah (1965) o continente africano, à época, tinha um potencial de energia elétrica de mais de 40% do existente no mundo, no entanto, menos de 5% deste total era utilizado. Para Nkrumah, caso este potencial energético e mineral fosse utilizado para favorecer o continente, a África estaria entre os mais modernizados do mundo, entretanto esta imensidão de riquezas era – e ainda é – utilizada para enriquecer o além-mar.

Nkrumah (1965) nos diz que a opção por não incentivar a industrialização do continente e apenas reforçar seu suposto potencial agrícola fica bem clara nas vozes dos ideólogos do imperialismo neocolonialista. Apresenta-nos um comentário do Professor *Leopold G. Scheidl*, da Escola de Economia de Viena, pronunciado em reunião no Congresso Geográfico Internacional, em Londres, no qual dizia que os povos do continente africano e das nações em desenvolvimento se equivocam quando imaginam que para serem ricos precisam só construir fábricas, quando na verdade deveriam desenvolver sua agricultura. Raciocínio semelhante, ainda segundo Nkrumah (1965) era a do presidente da *Booker Brothers, Jock Campbell*, que era proprietário de uma associação de companhias que monopolizavam várias indústrias de açúcar e na Guiana Britânica, além da navegação e o comércio nos Caraíbas e África Oriental.

Nkrumah (1965, p.48) dizia que o Colonialismo não mais se sustentava e, apesar de não haver sido abolido como um todo no continente africano, pois havia “[...] evidências numerosas de como as potências imperiais se apegam tenazmente aos seus territórios coloniais. Vietnã, Coréia, Suez, Argélia, todos são exemplos de até que ponto as nações imperialistas vão para se agarrar fisicamente a colônias”, já não tinham mais a mesma força do passado.

Em sua argumentação Scherer (2016, p.151) confirma essa interpretação:

O neocolonialismo esta se tornando o principal instrumento do capitalismo, deixando de lado o velho colonialismo. [...] com o neocolonialismo, os países sofriam com a ingerência e controle externo (muitas vezes subjugados nas esferas militares ou econômicas e monetárias, senda estas últimas as mais comuns).

No lugar do velho Colonialismo agora aparece o Neocolonialismo como principal instrumento do capitalismo e sua essência é descrita como a “[...] de que o Estado que a ele está sujeito é, teoricamente, e tem todos os adornos exteriores de soberania internacional. Na realidade, seu sistema econômico e, portanto, seu sistema político, é dirigido do exterior”. (NKRUMAH, 1965, np)

Como vimos, Nkrumah nos apresenta o Neocolonialismo como uma estratégia de dominação que os antigos colonizadores encontraram para controlar de forma diferente os estados africanos, porém, para ele o Neocolonialismo não está restrito aos países africanos. Antes fora aplicado em outras partes do mundo e em todas não obteve êxito.

A falsa independência das antigas colônias e sua suposta independência exercida pelas burguesias autóctones, na verdade, é dirigida do exterior. Ele exemplifica claramente isso no capítulo em que apresenta os obstáculos ao progresso econômico na África:

O sistema rodesiano tem assim todas as características do modelo neocolonialista. A potência senhorial, Grã-Bretanha, cede a um governo local, sobre o qual diz não ter controle, poderes ilimitados e exploração ilimitada dentro do território. No entanto, a Grã-Bretanha conserva ainda poderes para a excluir outras nações de intervir, seja para a liberar sua população africana ou para levar a sua economia para outra zona de influência. As manobras a respeito da "independência" da Rodésia são um excelente exemplo das atividades do neocolonialismo e das dificuldades práticas a que o sistema dá azo. Um a minoria europeia de menos de um quarto de milhão de pessoas não poderia manter, nas condições atuais da África, o domínio sobre quatro milhões de africanos sem apoio externo de alguma parte, quando os colonizadores falam e "independência" não estão pensando em se firmar sobre os próprios pés, mas simplesmente como procurar um novo senhor neocolonial que pudesse, do ponto de vista deles, merecer mais confiança do que a Grã-Bretanha. (NKRUMAH, 1965, p. 25)

Outro elemento importante no conceito de Neocolonialismo que o diferencia do período propriamente colonial é que este controle político pode ser exercido por um consórcio de empresas ou por um governo diferente do que comandava anteriormente aquele país colonizado. Kwame (1965, np) assim explica essa nova modalidade de dominação:

Onde o neocolonialismo existe, a potência que exerce o controle é frequentemente o Estado que governou anteriormente o território em questão, mas isso não acontece necessariamente. Por exemplo, no caso do Vietnã do Sul, essa antiga potência imperial era a França, mas o controle neocolonial do Estado passou agora aos Estados Unidos. É possível que o controle neocolonial seja exercido por um consórcio de interesses financeiros que não são especificamente identificáveis com qualquer Estado particular. O controle do Congo por grandes interesses financeiros internacionais é um caso desse tipo.

Segundo Nkrumah (1965, np), o objetivo final do Neocolonialismo é utilização do “[...] capital estrangeiro [...] para a exploração, em lugar de ser para o desenvolvimento das partes menos desenvolvidas do mundo. O investimento, sob o neocolonialismo, aumenta, em lugar de diminuir, a brecha entre as nações ricas e pobres do mundo.” No entanto, Kwame (1965, 40) nos diz que o neocolonialismo não se limita à exploração econômica:

Embora o objetivo dos neocolonialistas seja o domínio econômico, não limitam suas operações à esfera econômica. Utilizam os velhos métodos colonialistas da infiltração religiosa, educacional e cultural. Por exemplo, nos Estados independentes, muitos professores expatriados e "embaixadores culturais" influenciam as mentes dos jovens contra o próprio país e o povo. Fazem isso

solapando a confiança no Governo nacional e no sistema social, através da exaltação de suas noções próprias de como um Estado deve ser administrado e esquecem de que não há monopólio sobre o saber político.

Aliás, essa tática de dominação foi utilizada pelas metrópoles da Europa desde o contexto de dominação colonial na América, passando pelo processo de interiorização da dominação europeia no continente africano.

Quanto a isso Boahen (2010) destaca, por exemplo, que a África no século XIX foi marcada pelas atividades missionárias cristãs que, não apenas construíram templos religiosos e converteram os/as africanos/as à fé do cristianismo, mas empreenderam projetos econômicos a partir de produções agrícolas, ensino profissionalizante e ocidentalizado. Criaram para isso, escolas de vários níveis e difundiram o cristianismo e a educação ocidental. Isso representou um grande impacto nas sociedades africanas e certamente contribuiu para a política de dominação.

Em contraponto, Nkrumah (1965, np) assevera que o combate pela formação de uma Nação independente não implica, pelo menos no início, uma ruptura total com o Capital:

A luta contra o neocolonialismo não tem por objetivo a exclusão do capital do mundo desenvolvido das operações em nações menos desenvolvidas. Tem por objetivo impedir que a força financeira das nações desenvolvidas seja utilizada de tal maneira a empobrecer os menos desenvolvidos.

Em que pese Kwame (1965, np) afirmar que a luta contra o Neocolonialismo não significa uma ruptura total com o Capital, não quer dizer um alinhamento com qualquer nação, seja capitalista ou socialista. Afirma que em Gana não se pratica tal alinhamento, mas sim cooperação com todos os Estados, sejam ou não socialistas. A única imposição que o seu país faz é que os investimentos sejam investidos por base a um plano nacional “[...] organizado pelo Governo do Estado não alinhado, com seus próprios interesses em mira”. O não alinhamento é uma questão de poder, pois um país “[...] nas garras do neocolonialismo não é senhor do próprio destino”.

O Ganês Nkrumah, no processo de suas reflexões também nos apresenta contribuições sobre as possibilidades ou não de uma Terceira Guerra Mundial. Para Nkrumah (1965, np), esta futura guerra mundial só não ocorreu ainda pelo crescimento das armas nucleares em outras nações e isso “[...] impede efetivamente qualquer dos grandes blocos de potências de ameaçar o outro com a possibilidade de uma guerra de âmbito mundial e o conflito militar ficou, assim, confinado a ‘guerra limitada’” As chamadas guerras limitadas só podem ser impedidas pela formação de grandes unidades de nações pequenas, pois, segundo Nkrumah (1965, np) “[...] é apenas onde existem pequenos Estados que se torna possível,

desembarcando alguns milhares de fuzileiros ou financiando uma força mercenária, assegurar um resultado positivo.”

Apesar de Nkrumah apresentar dois diques que impossibilitam uma futura Terceira Guerra Mundial (o crescimento de novos países com bombas atômicas e as guerras limitadas), ele nos dá pistas de que essa impossibilidade é apenas relativa e não absoluta, pois mesmo esses elementos não são garantias para uma paz mundial.

Após apresentar os limites das guerras limitadas como preventivo de uma futura terceira guerra mundial, Kwame passa a descrever os malefícios do Neocolonialismo e que novas táticas as potências imperialistas adotam para evitar seus problemas internos. Agindo assim, Kwame nos diz que “[...] o neocolonialismo, como antes dele o colonialismo, adia o embate de questões sociais que terão de ser enfrentadas pelo setor plenamente desenvolvido do mundo, para que o perigo de guerra mundial possa ser eliminado ou o problema da pobreza mundial resolvido.” (NKRUMAH, 1965, np). Para Kwame, tanto as políticas coloniais como as neocoloniais são temporárias, pois a brecha é cada vez mais “larga entre as nações mais ricas e mais pobres do mundo. Mas as contradições e conflitos internos do neocolonialismo trazem a certeza de que ele não pode perdurar como um a política mundial permanente.” (NKRUMAH, 1965, np).

Depois de nos apresentar o Neocolonialismo como uma tentativa de exportar os conflitos das nações capitalistas, Nkrumah passa a descrever as razões para o aparecimento do Neocolonialismo. Para o Ganês é uma política necessária para tentar resolver o velho problema do capitalismo: a distância abissal entre ricos e pobres sem abrir mão dos seus lucros. No final da Segunda Guerra Mundial as nações imperialistas perceberam a impossibilidade de retornar a situação engendrada pelo colonialismo. Ele nos diz:

O problema que enfrentavam as nações ricas do mundo ao fim da Segunda Guerra Mundial era a impossibilidade de retornar à situação anterior à guerra, na qual havia um a grande distância entre os poucos ricos e os muitos pobres. Não importa que partido, particularmente, estivesse no Poder, as pressões internas nas nações ricas do mundo eram tais que nenhum a nação capitalista do pós-guerra poderia sobreviver a não ser que se tornasse um Welfare State, uma nação de prosperidade geral. Podia haver diferenças de grau na extensão dos benefícios sociais concedidos aos trabalhadores industriais e agrícolas, mas o que era impossível em toda parte era um retorno ao desemprego em massa e ao baixo nível de vida dos anos anteriores à guerra. (NKRUMAH, 1965, np).

Em seguida explica Nkrumah (1965) porque a riqueza obtida na exploração das colônias no final do século XX que poderia ser canalizada para resolver os problemas internos das nações ricas não logrou êxito, pois os lucros granjeados nas coloniais alimentavam apenas a classe capitalista deixando de fora os operários. Como percebemos na explicação de Kwame

Nkrumah os interesses das classes trabalhadores das grandes nações imperialistas não foram atendidos em detrimento dos interesses das burguesias destas mesmas nações. Dessa forma, as condições de vidas dos operários das potências imperialistas se assemelhavam aos dos países colonizados e isso os unificava nas lutas contra os colonizadores. A situação descrita anteriormente criou duas frentes de lutas pelas nações ricas.

Lutar contra uma classe trabalhadora interna e outra externa era um dilema a ser solucionado pelas potências imperialistas. A saída encontrada no pós-guerra foi, segundo Nkrumah (1965, np) “a deliberada tentativa de desviar os rendimentos coloniais da classe rica e em lugar disso usá-los para financiar de uma maneira geral o *Welfare State*”. Tal política, conhecida no Brasil por Estado do Bem Estar Social, foi abraçada até por líderes da Classe Trabalhadora Europeia.

A política do *Welfare State* não logrou êxito esperado e isso fez surgir o Neocolonialismo como solução a curto prazo, porém, no longo prazo Kwame afirma que tal política não se sustentava e suas consequências seriam catastróficas e passa a partir daí explica o porquê desta política errônea:

O neocolonialismo está baseado no princípio de dispersar grandes territórios coloniais, anteriormente unidos, em numerosos pequenos Estados inviáveis, que são incapazes de desenvolvimento independente e precisam depender da antiga potência imperial para a defesa e mesmo para a segurança interna. Seus sistemas econômicos e financeiros são ligados, como nos dias coloniais, aos do antigo dominador colonial. (NKRUMAH, 1965, np)

Kwame (1965, np) explica que essa dispersão das nações subjugadas a princípio parecia trazer vantagens para as nações desenvolvidas, pois com a política neocolonialista aplicada nos Estados oprimidos que a adotarem e na incapacidade dos mesmos de se unificarem, eles serão forçados “[...] a vender suas matérias-primas a preços ditados pelas nações desenvolvidas e a comprar-lhes seus produtos manufaturados ao preço por elas fixado.” Fazendo assim, as nações neocolonizadas, ficam incapazes de criar um mercado suficientemente amplo para sustentar a Industrialização. E, assim faltará as estas nações “[...] força financeira para forçar as nações desenvolvidas a aceitarem suas matérias-primas a um preço justo.”

Outra vantagem da política neocolonialista para os países capitalistas industrializados, segundo Kwame, está na troca das burguesias subservientes que aceitaram o neocolonialismo e, isso certamente, contribuiu para os inúmeros golpes de Estado que o continente africano experimentou no Século XX:

Nos territórios neocolonialista, um a vez que a antiga potência colonial teoricamente cedeu o controle político, se as condições sociais provocadas pelo neocolonialismo

causarem uma revolta, o governo neocolonialista local pode ser sacrificado e outro, igualmente subserviente, posto em seu lugar. Por outro lado, em qualquer continente onde o neocolonialismo existe em escala ampla, as mesmas pressões sociais que podem produzir revoltas em territórios neocoloniais afetarão também os Estados que se recusaram a aceitar o sistema e conseqüentemente as nações neocolonialistas têm uma arma já preparada com que podem ameaçar os oponentes, se parecerem estar desafiando o sistema com êxito. (NKRUMAH, 1965, np)

4. Limites do neocolonialismo e emancipação africana

Kwame nos expõe que as vantagens almejadas, econômicas e políticas, pelas nações ricas com a implantação do neocolonialismo como a fragmentação das nações subjugadas, a criação de barreiras para unificação destas mesmas nações e a possibilidade de trocar os governos subservientes locais que dificultassem a aplicação da referida política não tem sustentação em longo prazo e são ilusórias. Ele descreve que elementos possibilitarão esse fracasso.

Conforme começa nos explicando o intelectual Ganês, a primeira barreira encontrada à implantação da política neocolonialista seria a não diminuição da rivalidade existente entre as nações ricas, que fora gestada anteriormente no período colonial. Ao contrário do esperado, ele afirma que elas fizeram foi aumentar. A outra vantagem apontada, a troca fácil da burguesia que aceitou a aplicação da política neocolonialista, tem também seus limites, pois, “[...] por menor que seja o poder real que um Estado neocolonialista possa ter, deve possuir, pelo próprio fato de sua independência nominal, uma certa área de manobra. Pode não ser capaz de existir sem um senhor colonialista, mas pode, mesmo assim, ter a capacidade de trocar de senhor.” (NKRUMAH, 1965, np).

Outro elemento impeditivo da aplicação da política em tela, apontado por Kwame, está no surgimento dos chamados Estados Socialistas. A existência desses estados impede que um Estado neocolonialista seja totalmente subserviente, pois o perigo do comunismo assusta as nações ricas. Para Nkrumah (1965, np) “[...] existência de um sistema alternativo é, em si, um desafio ao regime neocolonialista...” pois, “as advertências a respeito dos “perigos da subversão comunista” são provavelmente uma faca de dois gumes, pois colocam no horizonte “[...] a possibilidade de uma mudança de regime”.

Se já não bastassem a autonomia relativa das burguesias subjugadas e o aparecimento dos Estados Socialistas, os neocolonizadores ainda teriam que apresentar condições concretas de elevação do nível de vida atraente às vistas daqueles sobre os quais é praticado o neocolonialismo,

“[...] mas o objetivo econômico do neocolonialismo é manter esses níveis reprimidos, no interesse das nações desenvolvidas. É somente quando essa contradição é entendida que o fracasso de inúmeros programas de "ajuda", muitos deles bem-intencionados, pode ser explicado” (NKRUMAH, 1965, np)

Do dito anteriormente, Kwame nos traz as razões para o fracasso dos programas que poderiam dar uma sustentabilidade duradora para o neocolonialismo: governos impopulares, desinteresse em desenvolver ações benéficas à população e não serem aliados dos operários neocolonizados na luta por melhores ganhos junto às empresas estrangeiras. Dessa forma, para Kwame a “‘Ajuda’, portanto, para um Estado neocolonialista, é meramente um crédito rotativo, pago pelo senhor neocolonial, passando pelo Estado neocolonial e retornando ao senhor neocolonial sob a forma de lucros aumentados”. (NKRUMAH, 1965, np)

Ele reforça ainda que, mesmo se a tal ajuda tente se consolidar, ela aumentará a rivalidade entre os Estados neocolonizadores e isso torna impossíveis apoios multilaterais, pois com o início da ajuda multilateral “[...] os senhores neocolonialistas vêm-se enfrentados pela hostilidade dos interesses investidos, em sua própria terra.” Além do mais os industriais naturalmente neocolonialistas são contrários a qualquer tentativa de elevar o preço das matérias-primas que conseguem do território neocolonialista e também são contrários que as nações neocolonizadas invistam na educação, pois ficam com medo de um movimento estudantil que em muitos momentos “[...] tem sido a vanguarda da luta contra o neocolonialismo.” (NKRUMAH, 1965, np)

Com a incapacidade de elevar os níveis de vida da população neocolonizada e as dificuldades na implantação de ajuda multilateral, estas nações passarão a apresentar um caos econômico e, sendo assim, segundo Kwame, só resta a ajuda militar para o governo que aceitou o neocolonialismo. Para ele, “a ajuda militar na realidade marca o último estágio do neocolonialismo e seu efeito é auto-destruidor. Mais cedo ou mais tarde, as armas fornecidas passam às mãos dos oponentes do regime neocolonialista e a própria guerra agrava a miséria social que a provocou originalmente.” (NKRUMAH, 1965, np).

Desta forma, finaliza Nkrumah (1965, np), “o neocolonialismo é uma pedra amarrada ao pescoço das nações desenvolvidas que o praticam. A menos que possam livrar-se dele, serão afogadas”, pois não podem mais voltar aos tempos das colônias.

No entanto, para enfrentar esse império do capital financeiro é preciso a mais ampla unidade africana pela via do Pan-africanismo:

Aí está o "Império", o império do capital financeiro, de fato, se não de nome: uma vasta rede de atividades intercontinentais em escala altamente diversificada, que controla as vidas de milhões de pessoas nas regiões mais afastadas do mundo, manipulando indústrias inteiras e explorando o trabalho e riquezas de nações para a

satisfação voraz de alguns. Aí reside a mola mestra do poder, a direção das orientações políticas que se opõem à onda crescente da libertação dos povos explorados da África e do mundo. Aí está o inimigo incansável da independência e unidade africanas, ligados a uma cadeia internacional de interesses comuns que considera a provável união das novas nações como um golpe contra a continuação do seu domínio sobre nossos recursos e economias dos outros. Aí, na verdade, estão as engrenagens reais do neocolonialismo. Aí, na verdade, estão as ramificações econômicas dos monopólios e grupos de empresas. Seus impérios financeiros econômicos são pan-africanos e só podem ser enfrentados em base pan-africana. Só uma África Unida, através de um Governo de uma União Africana, poderá derrotá-los (NKRUMAH, 1965, p. 41).

Portanto, para Nkrumah (1965, p. 12) a saída para emancipação do continente africano das condições impostas pelas nações imperialistas e neocoloniais era industrializá-lo, porém, isso não poderia ser conduzido com base no liberalismo, mas sim a partir de um planejamento centralizado, com base nas ideias socialistas. A industrialização do continente africano não devia ser obra do acaso e nem devia se valer da máxima liberal do *laissez-faire* Europeu. O tempo era inimigo da necessária industrialização das nações africanas, então os “[...] os métodos socializados de produção e tremendos investimentos humanos e de capitais implicados exigem o planejamento coeso e integrado [...]” que não pode ser realizado de forma fragmentada. É necessária uma grande mobilização de recursos e só é possível “[...] dentro do quadro de planejamento e desdobramento socialistas compreensivos”.

Nesse sentido, assim como se combateu e ainda se combate o Colonialismo (onde ele persiste), a resistência ao Neocolonialismo e emancipação do continente africano seria uma tarefa fundamental dos lutadores pela Libertação Nacional e construtores do socialismo africano.

5. Considerações Finais

Verificou-se, a partir da análise da obra de Kwame Nkrumah, que ela expressa o gigantismo deste grande pensador Ganês para a academia e para o pensamento revolucionário e que é, na maioria das vezes, negligenciado ou até mesmo esquecido de formar deliberada pela esquerda socialista africana e da América Latina.

A sua obra expressa uma análise econômica importante da estrutura do capital internacional e como ele é utilizado para subjugar várias nações africanas e de grande parte da América. É uma demonstração cabal dos malefícios da dominação imperialista para os povos africanos.

Esses malefícios ficam explícitos quando Kwame demonstra as potencialidades do continente negro e sua imensa riqueza não explorada, que supera em muito as de outros países

em diversos continentes; seus campos petrolíferos que ainda estão sendo descobertos e postos em produção por todo o continente; que todas essas riquezas poderiam fazer do continente uma potência industrial, no entanto, os ideólogos do imperialismo dizem que este continente só deve ter vocação agrícola.

Para o autor, esses malefícios poderiam ser superados com o processo de industrialização da África, a ser implementada a partir de um planejamento centralizado, conforme é praticado nas nações socialistas, e não com base nas premissas liberais. Dessa forma, já nas primeiras décadas do século XX Kwame Nkrumah aponta para processo de autonomia e independência real dos países africanos frente as potenciais imperialistas e não a subjugação ou qualquer forma de adaptação permanente ao capitalismo, como querem alguns pensadores atuais sobre o continente africano, na medida que propõe que é necessário que a África se abra para o neoliberalismo capitalista.

Por fim, é importante destacar a contribuição que esta obra representa para a compreensão da crise estrutural que o capitalismo mundial vivida à época da sua elaboração e também para o presente momento, pois como bem disse Kwame Nkrumah, a sua obra não está restrita apenas ao contexto africano e suas relações com a unidade africana, mas em perspectiva mundial, pois o neocolonialismo não é uma questão exclusivamente africana e a sua aplicação já fora praticada em outras partes do mundo, sem obter em nenhuma delas o êxito almejado. Portanto, a transformação e emancipação que a sociedade africana precisava e precisa deve passar, não apenas pela unidade pan-africana, mas também pela construção do socialismo, a partir das características históricas do continente.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Muryatan Santana. Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica. **África**, São Paulo. V. 31-32, p. 135-155, 2011/2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/115352> acesso em: 06.02.2020

BOAHEN, Albert Adu. Tendências e processos novos na África do século XIX. In: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História Geral da África**. Vol. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **O Pensamento Africano Sul-Saariano: conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e o Asiático (um esquema)**. Rio de Janeiro: CLACSO, EDUCAM, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos Impérios (1875-1914)**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LÊNIN, Vladimir Illyitch. **O Imperialismo**: fase superior do capitalismo. Trad. Leila Prado. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2003.

NKRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo**: último estágio do Imperialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SHERER, Mathias Inacio. Kwame Nkrumah, o neocolonialismo e o pan-africanismo. In: MACEDO, José Rivair. **O pensamento africano no século XX**. 1.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2016. p. 263-287.

Recebido em: 11/02/2020
Aprovado em: 17/04/2020